Seres de passagem: de turistas a peregrinos!

Li ontem a Mensagem do Papa Francisco para o próximo Dia Mundial da Juventude, em que o Papa desafia os jovens a passarem de turistas a peregrinos:

“(...) não partam como meros turistas, mas como peregrinos. Isto é, que a vossa caminhada não seja apenas uma passagem pelos lugares da vida de forma superficial, sem captar a beleza do que encontrais, sem descobrir o sentido dos caminhos percorridos, captando só breves momentos, experiências fugazes registadas numa selfie. O turista faz isso. O peregrino, pelo contrário, mergulha de alma e coração nos lugares que encontra, fá-los falar, torna-os parte da sua busca de felicidade. A peregrinação jubilar quer, portanto, tornar-se o sinal do caminho interior que todos somos chamados a fazer para chegar ao destino final”.

E lembrei-me de um artigo que tinha lido há dias do sábio Cardeal Arcebispo de Rabat, na Revista Vida Nueva \* e que – por ser tão oportuno – me atrevo a traduzir de forma livre:

“O verão é uma boa altura para pensar nas semelhanças e diferenças entre um turista, um excursionista e um peregrino.

Para simplificar, vamos fazer um pequeno desenho animado.

O turista é alguém que caminha sempre distraído, olhando para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo; vai borboletando e debicando um pouco aqui e um pouco ali, fotografando a realidade, mas à distância, e sem se meter nisso, sem se envolver. Pode tirar fotografias com muitas pessoas sem conhecer nenhuma delas. Não tem ponto de referência. A sua roupagem requer uma câmara (com selfie stick), chapéu, chinelos e uma blusa colorida e estampada.

O excursionista, por sua vez, avança com determinação e sem demora, porque estabeleceu um objetivo, um tempo, uma distância… e caminha focado na sua direção, impulsionado a partir do seu interior, querendo realizar o que deseja. No final, tira também uma selfie para mostrar que cumpriu. É Juan Palomo (“cozinho e como”): é autorreferencial. Não vai em direção a ninguém nem com ninguém: caminha em direção a si próprio e encontra-se consigo mesmo (o que também não é de todo mau). A sua roupa inclui fato de treino (no verão é dispensável), sweatshirt, contador de passos, cronómetro...

O peregrino caminha atraído; sim, não distraído, mas atraído; por alguém ou por algo que seja a sua referência. Vai em direção a uma meta que o leva para fora; tem um encontro em mente e, no caminho, já ensaia e vive aquela atitude de sair de si para acolher e ser acolhido pelo outro… e que, para nós cristãos, é o Outro, com letra maiúscula. Não importa se é o Caminho de Santiago, a subida a Montserrat ou a peregrinação ao Rocío. É a mesma coisa. Traz coisas leves: mochila, calçado desportivo e, por vezes, Bíblia e terço.

O filósofo francês Gabriel Marcel diz que o ser humano é homo viator, “homem viajante”, um ser sempre a caminho, alguém que está de passagem. No tempo e no espaço em que vivemos, afirma Diego Pereira, o ser humano é um peregrino que caminha por este mundo em busca de uma melhor realização. Então… somos todos migrantes, passageiros, viajantes, peregrinos! Estamos todos de passagem. Por isso, na Carta a Diogneto lê-se: «Para o cristão, nenhuma pátria é definitiva e cada pátria é sua». Somos cidadãos do céu, de passagem por este mundo. E tu, vives como turista, como excursionista ou como peregrino"?

\* Tradução livre do artigo de

CRISTÓBAL LÓPEZ, CARDEAL ARCEBISPO DE RABAT,

na Revista Vida Nueva, n.º 3376, agosto de 2024,

pág. 6